



Por trás do prédio da Associação Comercial, a Rua Conde D'Eu, uma transversal da Torquato Bahia, exibe a degradação de prédios que no passado sediaram importantes firmas comerciais

Decadência fecha empresas no Comércio

DEGRADAÇÃO - Históricos prédios abandonados são o retrato da decadência

NAZARENO PAULO

A agência personalizada do Banco Itaú, Rua Miguel Calmon, Comércio, fechou as portas e fixou um cartaz com o novo endereço: Avenida Tancredo Neves, nº 400, Caminho das Árvores. Na Travessa Francisco Gonçalves nº 1, o Edifício Mi-

guel Calmon, também no Comércio, pôs à venda a sala 507 de 34 m², à vista, por R\$ 13.000. São dezenas de salas, escritórios e espaços a serem alugados ou vendidos, numa das áreas mais bem conceituadas da cidade de Salvador, durante as décadas de 1960 e 1970. Na Rua Torquato Neto nº 4, o Edifício Raimundo Magalhães, que abrigava o extinto Banco Nacional da Habitação (BNH), contabiliza, em três andares, 18 salas vazias. Trata-se de um estado de decadência comercial dessa área movimentada da Cidade Baixa, provocado pela crise financeira.

O luxo do prédio da Associa-

ção Comercial da Bahia (ACB) está retratado no quadro "Banquete". Pode-se observar, nessa obra de arte do início do século, a moldura de casarões de dois ou mais pavimentos, enfeitando em perfeito estado de conservação – ao lado e ao fundo – o prédio da associação. Hoje, os cristais dos lustres do salão principal da entidade contrastam com a degradação física dos casarões imponentes da Rua Campos Salles, retratados na pintura. Ruas de paralelepípedos disformes, calçadas destroçadas pela falta de conservação, cachorros vadios, lama e lixo se misturam às águas que escorrem de encanamentos à céu

aberto, compõem um cenário de total desrespeito à dignidade dos moradores do local.

Há mais de dez anos, Alberto Contente, proprietário do casarão de nº 1 da Campos Salles, deixou sua residência. Encostado à parede, o portuário aposentado, Antônio Brito Lima, olha as paredes desgastadas pela erosão do casarão: "O telhado caiu, e o rapaz se mudou. Os tijolos aparentes, as calçadas destroçadas, as varandas e janelas cobertas pelo matão, podem desabar com o peso de árvores Imbaúba, que crescem nas frestas do casarão", diz.

A reportagem de A TARDE

contabilizou estacionamentos próprios para carga e descarga de caminhões na Avenida da França, paralelos ao cais do Porto de Salvador. Presenciou a existência de estacionamentos particulares em edifícios, que abrigam carros em quantidade, como o MultiPark da Rua Polônia, transversal da Avenida Estados Unidos, mensal e rotativo.

Contrastando com esse quadro, do lado de fora dos estacionamentos, as pessoas caminham por ruas cheias de um grande número de desocupados. Entre as ruas Portugal e Pinto, falta espaço para se caminhar: as barracas de revistas e de carimbos na cal-

çada impedem o fluxo de pessoas. Na Rua Miguel Calmon, as escadas do antigo prédio da Rede Ferroviária Federal S/A (RFFSA), transformaram-se em livraria. Do início da Rua Calmon, até desembocar na bifurcação da Praça Riachuelo, o comércio ambulante, além da poluição visual, impede o livre trânsito dos pedestres pelo trecho arborizado dos edifícios comerciais e bancários.

Os aspectos característicos de decadência urbana são visíveis por todos os lados. Uma fila interminável de táxis ocupa, praticamente, metade da Rua Miguel Calmon, desorganizadamente.